



Acta Scientiarum. Human and Social Sciences
ISSN: 1679-7361
eduem@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Pereira de Souza, Helder Félix
Nietzsche e Dom Quixote: diálogos entre 'loucos'
Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 34, núm. 1, 2012, pp. 59-65
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307324776009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Nietzsche e Dom Quixote: diálogos entre ‘loucos’

Helder Félix Pereira de Souza

Programa de Pós-graduação em Filosofia, Teoria e História do Direito, Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, s/n, 88040-900, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: helderfps@hotmail.com

RESUMO. Partindo das ideias do pensador Nietzsche e caminhando por diversas obras escritas pelo pensador, selecionaram-se algumas passagens para projetar olhares sobre a obra literária *Dom Quixote de la Mancha*, do espanhol Miguel de Cervantes, sobretudo, em relação à personagem Dom Quixote. Possibilita-se, assim, apresentar outras perspectivas sobre essas duas peculiares figuras: o pensador Nietzsche e o cavaleiro andante Dom Quixote. Destaca-se, por fim, a importância deste entrecruzamento para estimular possibilidades imaginativas-criativas para se pensar a filosofia e a arte mediante a exceção, a loucura e o devir.

Palavras-chave: filosofia, literatura, perspectiva, loucura, devir.

Nietzsche and Don Quixote: dialogues between ‘mad’

ABSTRACT. Building on the ideas of philosopher Nietzsche and walking on several works written by the thinker, some passages have been selected to design looks on the literary work *Don Quixote de la Mancha*, of Spanish, Miguel de Cervantes, especially in relation to the character Don Quixote. Thus making it possible to present other perspectives on these two unique figures: the thinker Nietzsche and the knight-errant Don Quixote. Emphasizing, finally, the importance of this intersection to stimulate possibilities imaginative-creative of thinking the philosophy and art through the exception, of madness and of devir.

Keywords: philosophy, literature, perspective, madness, devir.

Introdução

Subi aos vossos navios! O que necessitamos é de uma nova Justiça! E de uma nova libertação. E de novos filósofos! A terra moral é redonda, também. E a terra moral possui os seus antípodas. E os antípodas também têm seu direito à existência! Há um mundo novo ainda por descobrir, e até mais de um! Aos vossos navios, todos a bordo, filósofos! Nietzsche, *Gaya Scientia* (NIETZSCHE, 1966, p. 7).

Talvez em um primeiro momento o título que abre este texto soe provocativo ou até mesmo incomode alguns devido à sua possível impertinência. No entanto, a proposta é bem mais simples. Relacionar um filósofo a uma personagem literária é aparentemente estranho. No entanto, olhando com cuidado, percebe-se uma forte proximidade nestes universos distantes, que se aproximam a tudo que é humano: a vida e a morte.

Na primeira parte deste artigo será apresentada a relação que há entre Nietzsche e Quixote. Esta relação se dará de maneira breve, pois se limita apenas a lançar ideias sobre tal cruzamento. Por sua vez, na segunda seção parte-se de duas perspectivas: a filosófica e a literária, enfatizando a imaginação, para manchar o preto e branco da ‘normalidade’ com a importância do esplendor cromático multicolorido que Nietzsche e Quixote representam.

Na terceira parte surge o momento da criação, na qual a questão da vida entra em enlevo, mostrando a sua importância criadora em contraposição à sua aparente destruidora: a morte. Nesta terceira parte, exige-se do leitor um salto: correlaciona-se a metáfora de Nietzsche e de Quixote para evidenciar a questão do ‘devir’. O texto, de uma forma breve, tenta esclarecer alguns pontos acerca do ‘vir-a-ser’ quixote-nietzschiano.

Por fim, na finalização, indicam-se algumas leves considerações sobre o exposto, destacando a necessidade de ‘novas’ perspectivas como possibilidades de se potencializar a vida.

Cruzando destinos

Ao fazer um breve levantamento da vida do filósofo Friedrich Nietzsche¹ facilmente encontram-se afirmações gerais que basicamente sintetizam a excepcionalidade do pensador em relação ao seu meio. Seus pensamentos destoantes da corrente de época², ao mesmo tempo em que estão criticamente inseridos no

¹Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 – 1900): foi importante filósofo alemão do séc. XIX que escreveu grandes obras como *O Nascimento da Tragédia*, *Aurora*, *Gaya Ciência*, *Assim Falou Zarathustra*, *Genealogia da Moral*, dentre outras que contribuiram como crítica para sua época principalmente o pensamento da filosofia moderna a lançar a ideia da ‘morte de Deus’.

²A época é o século XIX, fase crítica da ‘modernidade’ marcada pelo idealismo alemão, pelo romantismo, pelos pensadores Kant, Hegel, Marx, dentre outros.

seu contexto, representam algo diferente da ‘normalidade’. O filósofo caracteriza-se como um enorme desequilíbrio entre a pequenez de seus contemporâneos e a grandeza de sua tarefa, pois seus coevos não souberam ouvir e nem ao menos ver o que o filósofo propunha (NIETZSCHE, 2009c).

O tradutor e comentador das obras de Nietzsche para o português, Paulo Cesar de Souza, na obra traduzida *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é* deixa claro que as obras do pensador, “[...] inteiramente seguro de sua importância, não obtinha o reconhecimento de seu povo. Suas obras não vendiam, seu nome era ignorado” (NIETZSCHE, 2004, p. 134).

Por esse silêncio por parte dos outros pensadores, Nietzsche publica a obra citada, em meados de 1888, período no qual se encontra fortemente presente, em seus escritos, os excessos mesclados de fantasia e realidade.

Não é à toa que alguns pensadores até hoje desconsideram Nietzsche como filósofo, pois suas obras misturam poesia, loucura, sentenças e reflexões, escritas em aforismos, diferentemente da maneira tradicional dos filósofos, que escreviam grandes e ‘frios’ tratados. Mas, independentemente disto, não restam dúvidas da importância de Nietzsche sendo “[...] um dos pensadores mais importantes de todos os tempos, um dos filósofos mais estudados nos dias de hoje” (NIETZSCHE, 2009b, p. 7).

O escritor Thomas Mann colocou Nietzsche entre os ‘mártires da filosofia’, identificando até mesmo *Zarathustra com Dom Quixote* (MANN, 1988), pois lutava contra insuperáveis quimeras, combatendo a corrente metafísico-socrática, perpetuada na história da filosofia há séculos (NIETZSCHE, 1999). Sem adentrar, com profundidade a filosofia deste importante pensador, cabe aqui somente ilustrar a sua importância e a sua qualidade de exceção à sua época, no sentido de fugir à regra, ao que era tido por ‘normal’ entre os pensadores de seu povo.

É nesse sentido também que Nietzsche se assemelha a Quixote³: ambos representam a exceção ao seu meio por serem, pensarem e agirem diferentemente de seus contextos, ou épocas. Misturando ‘loucura’ com ‘sanidade’, ‘desrazão’ com ‘razão’, ambos assumem lutas e combates para defenderem suas posições.

³Dom Quixote de La Mancha: personagem cômico-literário criado pelo escritor Miguel de Cervantes (escritor espanhol que viveu de 1547 a 1616) no livro *O Engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, desenvolvido em duas partes, sendo a primeira editada em 1605 e a segunda em 1615. Narra a história de um fidalgo, Alonso Quijano, imerso em novelas de cavalaria que acaba se tornando um cavaleiro andante saindo em busca de aventuras juntamente com seu escudeiro Sancho Pança.

Nietzsche compara-se a um cavaleiro andarilho da filosofia e Dom Quixote a um cavaleiro andante das novelas de cavalaria. Ambos com criatividade e imaginação,

[...] autores de suas próprias vidas preocupados em [...] torná-la exemplar, experimental, existencial [...], pois se a filosofia nasce da vida, é para recriá-la, encarnar-se nela, assenhorrar-se dela (PELBART, 2011, p. 203).

É nesse sentido que o professor da Unicamp, Peter Pál Pelbart, entende Nietzsche e a sua filosofia. De modo similar, essa questão se estende a Dom Quixote e ao seu anseio pela literatura de cavalaria: ambos caminhando contra a ‘normalidade’ e a ‘mesmice’ de seus contextos, inventando e reinventando a si mesmos. Destacam-se suas experiências fora-do-comum, travadas na época em que existem (não importando a realidade/ficção das personagens, mas sim a proposta de ambos). Ambos estão próximos, pois são pertencentes ao contexto em que estão inseridos, mesmo que distantes, chamando-os, como diria Agamben (2009), de contemporâneos.

Além de assemelharem-se por serem exceções à sua época e por isso contemporâneos, há também a questão da ‘loucura’.

Nietzsche ainda vivo aproveita sua doença e a ‘loucura’ como perspectivas para fazer filosofia, pois para ele,

[...] a filosofia foi arte de deslocar as perspectivas, da saúde à doença, e a loucura deveria cumprir a tarefa de fazer crítica escondida da decadência dos valores e do aniquilamento (NIETZSCHE, 1999, p. 15).

Entretanto, quando ambas se tornam extremas, o pensador sucumbe e consequentemente morre. Diferentemente, Quixote, na condição de ‘louco’, vive e mescla ‘sanidade’ com ‘insanidade’. Entretanto, quando deixa de ser ‘louco’, extrema-se sua sanidade morrendo, como se percebe no capítulo final da obra de Cervantes (1981).

Juntos possuem destinos finais diferentes: o filósofo morre ‘louco’; Quixote, ‘sô’. No entanto, o caminho percorrido como ‘cavaleiros’ combatentes, quer da metafísica, quer de gigantes, mesclando ‘loucura’ e ‘sanidade’, imaginação e criação, foi intensamente semelhante.

A ‘loucura’ fora uma “[...] máscara que ambos experimentaram e vestiram e que escondia, por sua vez, alguma sabedoria fatal” (NIETZSCHE, 1999, p. 15). Nietzsche e Quixote sabiam de coisas que dificilmente entenderíamos. Em seus contextos o primeiro não fora ouvido nem visto; o segundo fora considerado ‘louco’, recebendo reconhecimento

somente quando sua vida, mesmo dentro da literatura passa a existir como obra literária. É o que percebemos a partir do livro dois em que, na história, Dom Quixote e Sancho Pança passam a ser reconhecidos, pois suas aventuras-desventuras foram publicadas em livro (CERVANTES, 1981).

Quixote fez da novela de cavalaria um ponto de vista para sua vida, misturando-a à sua própria vida. É desta forma que a vida se transforma em obra e a própria obra se transforma em vida. “Empregar toda a sua energia para produzir um objeto único [...] descobrindo e inventando novas formas de vida” (DIAS, 2011, p. 13).

De modo semelhante, Nietzsche se coloca em suas obras e sua obra se coloca em sua vida. A sua doença e ‘loucura’ servem de preferência para um ponto de vista sobre a saúde e vice-versa. No entanto, este jogo não acaba muito bem: o filósofo e Nietzsche morre(m), pois,

[...] quando Nietzsche se tornou demente, foi precisamente quando perdeu esta mobilidade, esta arte de deslocamento, ao não poder mais, *pela sua saúde*, fazer da doença um ponto de vista sobre a saúde (DELEUZE, 2009, p. 11).

Quixote à medida que não pode mais fazer de sua vida uma obra literária, quando tem de retornar para sua casa e deixar a cavalaria andante “[...] por espaço dum ano” (CERVANTES, 1981, p. 573), mesmo em sua potente inventividade imaginativa, pensa em tornar-se pastor, mas não é suficiente. Então, sua ‘sanidade’ racional retoma à ‘normalidade’ e, nessa extremidade, reconhece e tem vergonha de seu estado anterior de ‘loucura’ e morre: morre Dom Quixote de La Mancha e morre, consequentemente, “Alonso Quijano, o Bom” (CERVANTES, 1981, p. 600-604).

Assim, há, em certa medida, aproximações entre Nietzsche e Quixote que não podemos negar. São semelhanças que resumidamente versam sobre três pontos: a exceção como inatualidade ao ‘normal’ de sua época; a questão e a perspectiva da ‘loucura’ e, por fim, a vida como ‘obra de arte’.

Uma mancha multicolorida

Encontra-se no livro terceiro da *Gaia Ciência* de Nietzsche – cuja obra é essencial para tentar entender as revelações que o filósofo/poeta deixou – um importante aforismo (152) que desperta atenção para uma perspectiva sobre os ‘loucos’. O filósofo alemão remetendo a épocas antigas da cultura grega, em que não se diferenciava tanto o sonho quanto a vigília, e se acreditava em oráculos e vários deuses e divindades, afirmará que: “[...] a ‘verdade’ era experimentada de outra forma, já que o louco podia ser considerado o seu

porta-voz – algo que hoje faz rir ou faz tremer a ‘nós’” (NIETZSCHE, 2009a, p. 161).

Lembremos, ao que tudo indica, na obra de Cervantes, que Dom Quixote está ‘louco’. Pelas suas atitudes e pelas afirmações de seus colegas e de seu escudeiro, acreditamos que Quixote está doido por não enxergar as coisas como as pessoas ‘normais’ de seu tempo e contexto enxergam; acredita o cavaleiro que tais enganos são obras de encantamentos feitos por algum ‘nigromante’ que o persegue (CERVANTES, 1981).

Acredita-se, portanto, que Dom Quixote está ‘louco’; assemelhando-se seu estado, até mesmo, à ‘loucura’ de Aias⁴, que enxerga em um rebanho de cabras e ovelhas seus inimigos argivos e Odisseu, de quem quer se vingar (SÓFOCLES, 2008). Enfim, se Quixote é um desvairado e se mudarmos a perspectiva tradicional pejorativa de que ‘louco’ é um doente e recuperarmos o ponto de vista destacado por Nietzsche, remetendo-nos aos antigos gregos, pergunta-se: de qual ‘verdade’ Quixote (e através de Cervantes), no decorrer de toda a obra, é porta voz? O que quer dizer a ‘sabedoria’ de Quixote? Será que sua ‘loucura’ reflete a nossa? Ele estaria dizendo que os ‘loucos’ somos todos nós, pois perdemos nossa capacidade criativa e inventiva, de deslocamento entre o que é ‘normal’ e o que não é ‘normal’, aceitando apenas uma ‘verdade’ sobre as coisas?

Bem, se continuarmos no aforismo anterior, relacionando-o às perguntas suscitadas, logo no trecho final do texto, encontraremos em Nietzsche algo a mais para tais esclarecimentos:

– Demos novas cores às coisas, não deixamos de pintá-las continuamente – mas que pudemos fazer, até hoje, frente ao esplendor cromático dessa antiga mestra! – a antiga humanidade, quero dizer. (NIETZSCHE, 2009a, p. 161)

Cervantes, assim, quer transmitir, através de Quixote, a existência de outras possibilidades para a realidade e não somente aquelas vigentes em um momento e com determinada linguagem de coisas; aquelas que só enxergam aquilo a que estão acostumadas. Enxergam somente o preto e branco das coisas, deixando de lado as possibilidades do ‘esplendor cromático’.

Os que se portam como Quixote são descreditedos e tidos por ‘loucos’ e néscios. Aquelas que utilizam a

⁴Aias é comumente conhecido como Ajax, herói da tragédia grega de Sófocles, que sob efeito causado pela deusa grega Atena, devido à ‘soberba’ de se achar um deus e ofender até mesmo os deuses, fez que enxergasse, no rebanho de animais, seus ‘inimigos’ (os argivos e principalmente Odisseu). Ataca-os, torturando-os. Logo, em seguida, despertou de sua ‘loucura’ e se matou pela situação ridícula em que se encontrava, pois percebeu que não cabia mais naquele mundo ou contexto.

imaginação para inventar seu mundo, tais como os antigos gregos citados por Nietzsche, e que dão novas cores ao mundo preto e branco em que vivemos são tratados como ‘loucos’ e doentes.

Acredito que a mensagem de Cervantes (e por que não de Quixote?) implique a ideia de que vivemos em um mundo facilmente transformável em preto e branco, ‘normalizado’, congelado em regras, hábitos e costumes de época. A tarefa mais difícil é tentar colori-lo de formas diferentes, inatuais, raras, deslocando o seu modelo ‘normal’.

No entanto, nossa reação em relação a pessoas que têm um modo diferente de se relacionar com a ‘verdade’ é o riso, o desprezo ou o temor. É o que Nietzsche destacou. Diferentemente, em épocas antigas, tais ‘loucos’ eram tratados como tocados por deuses e, portanto, portadores de alguma sabedoria, ou previsão do futuro, ou alguma ‘verdade’; sábios, enfim.

O perigo é viver preso em um quadrado preto e branco que mata e inibe a criatividade! Podemos tirar conclusões acerca desses fatos analisando os conflitos que ocorrem das provocações. Diógenes, o cão (filósofo cínico da antiguidade grega), por exemplo, provocava os atenienses andando nu. Algumas vezes [...] durante o dia andava com uma lanterna acesa procurando um homem” (LAERTIOS, 2008, p. 162). Dependendo do modo como as pessoas reagissem tiravam-se importantes conclusões.

Diógenes, tido por alguns como ‘louco’ e por outros como sábio, parte dos conflitos e das relações para que chegaremos a alguma sabedoria. Quixote na sua ‘loucura’ quer nos revelar algo. Cervantes mostra comicamente e ironicamente quão próximos a ‘quixotes’ somos e quão ‘loucos’ também podemos ser; destacando a importância de colorir nosso universo, nosso mundo humano, demasiado humano, mesmo que apanhemos ou nos machuquemos. Desloca assim essa realidade em preto e branco, que tudo monopoliza, tirando-lhe as cores, prendendo-a em ‘normalidades’.

Nesse sentido, a ‘normalidade’ parece estar encantada como no mito antigo do rei Midas, cujo toque transformava os objetos em ouro (SCHWAB, 1996). De início nada mal! No entanto, quando tudo é ouro, há um problema. Além de se tornar letal, Midas não poderia mais ingerir alimentos, pois ao lhes tocar transformavam-se em duro ouro, intragável. Tampouco desfrutaria da exuberância do metal, pois tudo à sua volta se tornara unicamente dourado. Objetos monocromáticos, iguais e em abundância perdem o seu valor e, consequentemente, tornam-se comuns. Já não mais representam aquela raridade e exceção, pois perderam seu ‘esplendor cromático’.

Surge, portanto, a necessidade da diferença, do colorido, da multiplicidade. A igualdade é o “[...] delírio tirânico da impotência” (NIETZSCHE, 2007, p. 129). Enxergar-se somente a partir de um ponto de vista despotencializa a imaginação, pondo-se em risco a criatividade.

Assim, a importância da diferença, contraposto à igualdade ‘normalizadora’ das coisas, presente na obra de Cervantes, é contagiente. Não só Sancho Pança, mas também os amigos e outras personagens que se envolvem com o cavaleiro da triste figura, acabam influenciados por sua peculiaridade.

Sancho já reconhece esse poder de Quixote, pois admite estar se assemelhando ao seu mestre:

Este meu amo, já tenho visto que é um louco de pedras, e eu também não lhe fico atrás, que até sou ainda mais mentecapto do que ele, pois que o sirvo e sigo, se é verdadeiro o rifião: ‘Diz-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens’ (CERVANTES, 1981, p. 348).

Sua sobrinha e sua ama também inventam loucas histórias como a do “[...] sábio Munhatão, ou “Frestão ou Fritão” (CERVANTES, 1981, p. 52), um sábio encantador que havia feito desaparecer os livros de cavalaria juntamente com o aposento onde eles se encontravam. Também seus companheiros, o cura, o barbeiro participam das mais doidas invenções de histórias como a de se vestir “[...] em trajo de donzela andante [...] e de escudeiro [...]” (CERVANTES, 1981, p. 152) para trazer Quixote de volta à sua casa. Acabam envolvendo outras pessoas-personagens como Doroteia e Cardênia, ao inventarem a história do “[...] reino de Micomicão [...] e do gigante Pandalfilando da Fosca Vista” (CERVANTES, 1981, p. 171 e 178). Inclui-se aí Dom Fernando e Lucinda, dentre outros, que surgem na encantada estalagem, ou como diz Quixote, “no castelo” (CERVANTES, 1981, p. 216 e ss.), em que se sucedem várias coisas fenomenais.

Ressalte-se aqui também o Bacharel Sansão Carrasco, que, ao procurar trazer Quixote à ‘normalidade’, tenta afastá-lo da ‘loucura’ da cavalaria andante e se torna o “cavaleiro do espelho” (CERVANTES, 1981, p. 368), o que não dá muito certo. Depois retorna como “cavaleiro da branca lua” (CERVANTES, 1981, p. 571-573), vencendo Dom Quixote, forçando-o a largar por um ano a cavalaria andante.

Em meio a essas tantas participações, entram outros que apreciam a companhia de Quixote e Pança, como o Duque e a Duquesa. Eles inventam a aventura da “dona dolorida” (CERVANTES, 1981, p. 461) estimulando mais ainda a loucura de Quixote e divertindo-se com ela, ao pregarem peças e aventuras para o cavaleiro andante. Essa diversão vai

a ponto de o duque conceder a Sancho uma “[...] ilha para governar” (CERVANTES, 1981, p. 477). Até mesmo Quixote o enche de bons e belos conselhos para um bom governante, mostrando que ser ‘louco’ se limita à novela de cavalaria. Dentre outras passagens, destaca-se aquela em que Quixote é admirado pela sua capacidade de divertir os outros ; o seu acolhimento festivo por “Dom Antônio Moreno” (CERVANTES, 1981, p. 559 e ss.), indicado pelo amigo Roque Guinart.

Disto percebemos que Quixote e Sancho mesclam ‘sanidade’ com ‘insanidade’: este se assemelha àquele e àquele a este. Desse mesmo modo os que convivem com eles também se assemelham ao par. Até mesmo quem lê a obra de Cervantes fica influenciado pela dupla. Cavaleiro e escudeiro sacodem os lugares por onde passam, pois carregam a diferença e a exceção. Dão vida às coisas com a sua comicidade e divertimento.

Quixote, enfim, por muito desejar ser cavaleiro andante, influenciado pelas leituras de novelas de cavalaria em contrapartida à sua existência monótona de simples fidalgo Alonso Quijano, confunde-se com as obras literárias, tornando-se, a seu modo, um cavaleiro andante. Sancho Pança, devido à vivência com Quixote, passa a ser também Dom Quixote e este também se mistura a Sancho. Confirma-se assim o que Michel de Montaigne já dizia em seus ensaios, na passagem ‘A força da imaginação’, na qual “[...] Galo Víbio dedicou-se de tal modo ao estudo das causas e dos efeitos da loucura que perdeu a razão e não mais a recobrou” (MONTAIGNE, 1996, p. 106). É também nesse sentido que Nietzsche afirma no aforismo 367 de *Aurora*:

Parecer sempre feliz – Quando a filosofia era matéria de competição pública, na Grécia do terceiro século, havia não poucos filósofos que ficavam felizes pelo secreto pensamento de que outros, que viviam conforme outros princípios e se atormentavam com isso, ficariam irritados com sua felicidade: acreditavam refutá-los da melhor maneira com sua felicidade, e para isso bastava-lhes parecer sempre felizes: mas assim terminavam tornando-se felizes! Esta foi, por exemplo, a sina dos cínicos (NIETZSCHE, 2008, p. 206).

Da mesma forma que os cínicos se tornaram felizes, acreditando em sua técnica de refutação, Quixote tornou-se cavaleiro andante e Sancho, escudeiro. Em outra parte, todos que mantêm algum contato com essa dupla são contaminados por sua ‘loucura’. À medida que tentam ajudá-lo a ‘curar-se’, ou simplesmente se divertem com a dupla, passam a participar da proposta de Quixote, misturando-se a ele, tornando-se, em certa medida, ‘loucos’ também.

Podemos observar isso na passagem abaixo, em que uma personagem grita com Quixote:

- Valha-te o Diabo, Dom Quixote de la Mancha; como vieste aqui parar, escapando com vida às infinitas pauladas que apanhaste? Tu é doido e, se o fosses sozinho e dentro das portas da tua loucura, não seria mau; mas tens a propriedade de tornar doidos e mentecaptos todos os que tratam e comunicam contigo; senão vejam estes senhores que te acompanham. Vai para tua casa, mentecapto, e olha pela tua fazenda, por tua mulher e teus filhos, e deixa-te dessas tolices, que te comem o siso e te descoalam o entendimento (CERVANTES, 1981, p. 561).

A condição de exceção, no sentido da diferença da ‘normalidade’; a qualidade de ‘louco’ como alteração de perspectiva e o exemplo de vida como obra de arte fazem de Quixote um ponto de ruptura do contexto em que se insere. Por quase todos os lugares pelos quais o cavaleiro andante passa com ou sem seu escudeiro o lugar fica ao avesso. Aceito ou não, Quixote interage com a realidade e a desloca de sua ‘normalidade’.

Inserindo um esplendor cromático nas relações, manchando com suas cores o universo preto e branco de seus conterrâneos, Dom Quixote de la Mancha pinta, com novas cores e tonalidades, os lugares por onde passa.

Esboçando o ‘devir’ em Quixote

Discutir a questão ontológica do ‘ser’ em Quixote é um árduo trabalho, pois a obra literária traz a possibilidade de inúmeras relações e discussões com essa questão da filosofia. No entanto, neste espaço, serão traçados alguns esboços cujo intuito é o de lançar olhares para uma relação entre Dom Quixote e o ‘devir’ nietzschiano como o da ‘vida-criativa’ e o da ‘vida-não-criativa’ e a ‘morte-criativa’ de Quixote e, consequentemente, a ‘vida-morte’ de Alonso Quijano.

Nietzsche, influenciado pelo pré-socrático Heráclito⁵, alinha-se à questão fundamental da filosofia acerca do ‘ser’, refutando-a na medida em que é ‘devir’. O ‘devir’, ou o ‘vir-a-ser’, nesse caso, remete ao movimento de mudança das coisas: é o que não se fixa, mas sempre está em transformação. Dessa forma,

A afirmação do delito e da aniquilação, o aspecto decisivo em uma filosofia dionisíaca, o dizer-sim à antítese e à guerra, o vir-a-ser, com a refutação até mesmo do conceito de ‘ser’ (NIETZSCHE, 2009c, p. 86)

⁵Heráclito (cerca de 540-470 a.C.): nasceu em Éfeso, cidade da Jônia. Foi um filósofo ‘pré-socrático’ que formulou com vigor o problema da unidade permanente do ser diante da pluralidade e mutabilidade das coisas particulares e transitórias (PRE-SOCRÁTICOS, 1996, p. 81).

É ideia defendida por Nietzsche. É nesse aspecto que o ‘vir-a-ser’ choca-se com o ‘ser’, deslocando-se a perspectiva existencial das coisas. Tudo passa a ser mudança: a vida que cria, consequentemente representa a mudança e o ‘novo’ como a exceção à ‘normalidade’ das coisas (incluindo-se aí os ‘loucos’, como Quixote). Diferentemente a ‘vida-que-não-cria’ refere-se à ‘normalidade’, ao comum, à regra: um estado do ‘dever’, que se fixa e congela, representando aí, talvez, a ideia do ‘ser’, como seu estado de ‘morte’.

Desta forma, “[...] viver não é apenas adaptar-se às circunstâncias externas: a vida é, antes de tudo, atividade criadora” (DIAS, 2011, p. 15).

Aproximando essa ideia da professora Rosa Dias com outra passagem em que Nietzsche afirma “Que a gente se torne o que a gente é” (2009c, p. 63), e pressupondo a afirmação existencial no ‘vir-a-ser’, Dom Quixote passa a ser visto como uma vida-criadora, pois não somente se adapta a ela. Dom Quixote revela, antes, uma atividade criadora, pois por onde passa impulsiona a mudança, seja por conflito, seja por divertimento.

Nem a possibilidade de aniquilar-se durante suas aventuras como cavaleiro andante, passando por todos os riscos e perigos, serve de empecilho para realizar sua vontade. Pode-se dizer que a consciência da insegurança e mutabilidade das coisas o potencializam. Não é à toa que vive moído e, mesmo assim, continua sempre em frente, buscando novas aventuras.

O ‘dever’ em Quixote aparece com um pouco mais de clareza na passagem em que o cavaleiro, ao falar com um lavrador vizinho seu, diz:

Quem eu sou, sei eu – respondeu Dom Quixote -, e sei que posso não ser só os que já disse, senão todos os doze pares de França, e até todos os nove da fama, pois a todas as façanhas que eles por junto fizeram e cada um por si se avantajarão as minhas (CERVANTES, 1981, p. 44).

Nessa passagem, fica mais evidente o ‘dever’ de Quixote, no sentido de sua multiplicidade de ‘ser’, ou seja, sua potencialidade de ‘vir-a-ser’ outros. Talvez, bem diferente daquilo que Quixote tinha sido quando fora o simples fidalgo Alonzo Quijano, o cavaleiro não suportava ser o seu antigo ‘ser’ fidalgo, monótono, preto e branco, passando a assumir a máscara de outro e reinventando outros, dizendo poder ser vários, ao confundir-se com o seu ‘ser’. Assim, o ‘ser’ de Dom Quixote é contingente, está em mudança. Portanto é ‘dever’, inspirado por seus sonhos cavalheirescos.

Ele se torna a cada momento, ao criar e ao recriar suas situações, adaptando a representação da

‘realidade’ à representação de sua ‘fantasia dos livros de cavalaria’. Nesse ponto, dizer o que é real para Quixote perde o sentido, pois para nós ele delira na maior ilusão e fantasia (e para os personagens também). Entretanto, para si, está mergulhado no mais belo sonho que o tem por realidade. É aqui que, ao resgatar uma ideia já desenvolvida na seção anterior, mas destacando outro aforismo presente em ‘Humano’, ‘demasiado humano’, o pensamento de Nietzsche é novamente esclarecedor.

Remetendo aos antigos gregos, que não diferenciavam a realidade do sonho, o dormir e o acordar “[...] tal como o homem ainda hoje tira conclusões no sonho, assim também fez a humanidade no estado de vigília” (NIETZSCHE, 2009d, p. 23).

Dom Quixote, com o ‘esplendor cromático’ de sua imaginação, retomou essa mesma capacidade dos antigos.

O ‘dever’ em Quixote, levado pela imaginação e a ‘loucura’, remete à vida: implica ser a exceção em seu meio. Do mesmo modo, o ‘ser’ proposto por Nietzsche é o ‘dever’, a contingência, a mudança, o acaso.

Considerações finais

Como andarilho e não cavaleiro, porém andante, arma-se esta novela-artigo, percorrendo Nietzsche e Quixote para destacar a importância/potência da imaginação para se pensar a filosofia. As armas aqui utilizadas são palavras-vivas que transbordam de um corpo. O enfrentamento desproporcional é contra um gigante, ou melhor, vários gigantes que querem encantar o mundo e torná-lo igual. Sem temer a aniquilação, enfrenta-se essa desventura propondo como contrapeso a arte. Levar mais cores ao preto e branco da mesmice do tradicionalismo habitual das coisas é a proposta de resistência.

Buscar outras perspectivas para se pensar o mundo, como na literatura com Dom Quixote ou na Filosofia com Nietzsche, rendem doces frutos a qualquer pensador. Amplia-se a imaginação e, consequentemente, a criatividade, possibilitando-se a recriação do ‘novo’.

Acreditamos ser possível a proposta deste texto se utilizarmos os exemplos de Dom Quixote de la Mancha sob o ponto de vista do filósofo Nietzsche, como destacamos neste artigo, e ‘mancharmos’ a ‘normalidade’ das coisas com o ‘esplendor cromático’ que a imaginação de ambos, a ‘loucura’ e a qualidade de exceção criadora nos incita.

Nessa medida, talvez possamos nos construir e, ao mesmo tempo, construir o mundo, como ‘obra de arte’, capaz de potencializar a vida, sem ‘prender’ o mundo no âmbito seco da ‘normalidade’.

Tomar a mancha colorida de Dom Quixote para pintar a realidade preto e branco que tende a fixar-se em ‘normalidade’ é, portanto, uma tentativa de se (re) construir algo ‘novo’, raro, e, com ‘esplendor cromático’, criar a possibilidade da existência como obra de arte, consequentemente, potencializadora da vida.

Referências

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios.** Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- CERVANTES, M. S. **Dom Quixote de La Mancha.** Tradução Miguel de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- DELEUZE, G. **Nietzsche.** Tradução Alberto Campo. Lisboa: Edições 70, 2009.
- DIAS, R. **Nietzsche, vida como obra de arte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LAÉRTIOS, D. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.** Tradução Mario de Gama Cury. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- MANN, T. **Essays – Band 1 – Literatur.** Germany: Fischer Taschenbuch, 1988.
- MONTAIGNE, M. **Ensaios.** Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).
- NIETZSCHE, F. W. **Vontade de potência.** Tradução Mário D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Ouro, 1966. (Clássicos de Ouro).
- NIETZSCHE, F. W. **Obras incompletas.** Tradução e notas Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores. Seleção de textos de Gerard Lebrun).
- NIETZSCHE, F. W. **Ecce homo.** Como alguém se torna o que é. Tradução Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. **Assim falou Zarathustra.** Tradução Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- NIETZSCHE, F. W. **Aurora.** Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência.** Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.
- NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal.** Tradução ZWICK Renato. Porto Alegre: L&PM, 2009b.
- NIETZSCHE, F. W. **Ecce homo.** De como agente se torna o que agente é. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2009c.
- NIETZSCHE, F. W. **Humano, demasiado humano.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009d.
- PELBART, P. P. **Vida capital.** Ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- PRÉ-SOCRÁTICOS. **Pré-Socráticos.** Vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores. Consultoria José Américo Motta Pessanha).
- SCHWAB, G. **As mais belas histórias da antiguidade clássica.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- SÓFOCLES. **Aias.** Tradução Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Iluminuras, 2008.

Received on March 29, 2012.

Accepted on June 25, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.